

ALMEIDA, Ronaldo. *A igreja universal e seus demônios: um estudo etnográfico.*

São Paulo: Terceiro Nome, 2009. 152 páginas

Marília Sene de Lourenço



“O que permitiu à mensagem pentecostal ser capaz de difundir-se por credos, lugares e segmentos sociais diferentes, com tamanha rapidez?” (Almeida 2009: 20). Certamente não há uma resposta pronta para a questão, bem como não há escapatória se quisermos entender a inserção do pentecostalismo no campo religioso brasileiro. Pergunta simples, porém capciosa, pois contém em sua formulação a condição ainda misteriosa da formação e do crescimento de um grande número de religiões cujas características parecem similares à distância, porém extremamente distintas para quem se detém em sua observação. Se há semelhança em algum ponto entre tantas particularidades, esta se encontra no plano da transformação – mais do que seus atributos mais visíveis (o batismo pelo espírito santo, a iconoclastia, o proselitismo, entre outros), o que estrutura o mundo pentecostal parece ser a sua incessante mutabilidade. Combinação com a qual a antropologia se depara há tempos, estrutura e transformação parecem dotar esse mundo de muitos paradoxos.

É justamente nas aparentes incongruências desse fenômeno sócio-cosmológico (para não dizer também político, econômico...) que Ronaldo de Almeida se dedica em “A igreja Universal e seus demônios: Um estudo etnográfico.” Resultado de sua pesquisa de campo de três anos para o mestrado, concluído em 1996, o livro conta também com dados mais recentes para situar as igrejas pentecostais no contexto brasileiro. Nos termos do autor, a *Igreja Universal do Reino de Deus* (doravante referida como IURD) é apenas um caso, uma “cristalização de um movimento não homogêneo”; no entanto, talvez seja o melhor para compreender a dinâmica do fenômeno como um todo. Igreja pentecostal cujo modelo não é congregacional (pequenas igrejas que formam uma comunidade marcada pela relação horizontal entre os fiéis), mas centralizador e universalista, à moda

da Igreja Católica Romana; cuja relação com outras esferas da sociedade não é a do “afastamento do mundo” conforme prevê a ascese protestante, mas a ocupação sistemática de meios de comunicação, espaços geográficos e políticos; cujos templos são catedrais, os cultos são exorcismos e as entidades exorcizadas, afro-brasileiras.

Como veremos adiante, o conceito de *trânsito* fundamenta o trabalho; informa não só a dinâmica da igreja, mas a própria estrutura do livro. É possível mapear um percurso que segue da presença pentecostal no país e particularmente nas metrópoles, passando pela localização da IURD nas grandes vias da cidade de São Paulo até a caracterização do aspecto externo e interno de seus templos, os materiais veiculados, a frequência dos fiéis. A leitura transita entre observação e abstração quando é narrado o culto de libertação. Há agências outras que contornam o ritual em seu formato de exorcismo: não apenas pastor e fiéis, mas várias entidades de origem afro-brasileira e cristã; alimentos e objetos “consagrados” no combate à possessão. Estamos diante da fragmentação e descrição das etapas de um ritual que nos leva ao núcleo de uma “cosmologia em torno do exorcismo,” em permanente construção. Por meio da guerra contra outras religiosidades se elabora o simbólico na Igreja Universal do Reino de Deus; o significado dos elementos das religiões inimigas é invertido (a cura torna-se fonte do mal) num movimento simultâneo à incorporação de seus mecanismos, o que permite à IURD um afastamento do segmento religioso de onde provém rumo à semelhança lógica com o universo mágico combatido. Os conceitos de *plasticidade e flexibilidade* tornam-se essenciais no texto.

Em torno deste argumento gravitam as reflexões que compõem a obra de Ronaldo de Almeida. O primeiro capítulo descreve as etapas da pesquisa e expõe sua hipótese: na plasticidade reside a estrutura da IURD e a fonte de sua crescente inserção nas diferentes esferas sociais. A expansão pentecostal e o posicionamento da Igreja Universal nesse mosaico de religiosidades são explorados no capítulo seguinte. Seu funcionamento começa a ser desvelado no terceiro, quando o autor sonda os critérios de sociabilidade que unem os *irmãos*, além de identificar pessoas que, em sua agência, diferenciam a IURD das demais religiões pentecostais – o autor destaca a centralidade da figura do Diabo neste universo simbólico. Este capítulo oferece uma descrição do culto de libertação onde é possível ao leitor atingir o cerne da etnografia.

O capítulo quatro, substancial, unifica os dados mais diversos (a caracterização dos espaços internos dos templos; a possessão por entidades afro-brasileiras; o uso de

substâncias e de uma linguagem específica no exorcismo) em uma análise do ritual. Nesse momento não só o culto ganha sentido, mas os princípios estruturantes da Igreja Universal são desvendados. Por fim, uma apreciação de um episódio de grande repercussão na mídia, o *Chute na santa*. Ocorrido à época de seu mestrado, foi incorporado à pesquisa de modo a expor os diversos planos de atuação da IURD, notavelmente o político e o midiático. O alcance desses diferentes níveis de comunicação com a sociedade representa uma inovação diante dos tradicionais processos de conversão ao cristianismo, que hoje se somam num leque de opções que flui “do mais abrangente ecumenismo até o mais intolerante proselitismo como alternativas de convivência entre as igrejas cristãs e da convivência destas com as religiões não-cristãs.” (: 19)

A atual gradação de possibilidades para as religiosidades cristãs é resultado de um longo histórico de cisão no cristianismo, cujo marco se dá na Reforma Protestante. A apresentação do livro nos oferece um panorama dos principais movimentos desde a Reforma, o surgimento das denominações protestantes e os efeitos da cisma na estrutura da Igreja Católica; o advento do pentecostalismo e as mudanças infringidas tanto no catolicismo quanto no protestantismo histórico; o crescimento pentecostal no século XX, caracterizado pelas cisões internas que, ao invés de enfraquecê-lo, conduz a uma adesão em massa. No contexto brasileiro o autor nos chama a atenção para o lugar ocupado pela Igreja Universal, a mais comprometida com as mudanças, diz. A IURD tem papel fundamental na alteração do status brasileiro para produtor de “bens religiosos,” consumidos atualmente em diversos países. Anteriormente importador (vide a origem norte-americana do pentecostalismo), hoje o país exporta religiões de diversas matrizes, em sua maioria afro-brasileiras e pentecostais (leia-se principalmente IURD).

As etapas da formação e difusão do pentecostalismo são pormenorizadas nas páginas do segundo capítulo, *Expansão Pentecostal*. O autor traça uma genealogia das principais denominações. A primeira fase é caracterizada pela criação da *Congregação Cristã do Brasil*, em 1910 e da *Assembléia de Deus*, em 1911. Já nessa época a distinção da doutrina pentecostal é explicitada, visto sua origem na revelação do Espírito Santo. Há nove dons do Espírito Santo, entre os mais conhecidos está o dom de falar em línguas (glossolalia). Por meio desses dons o Espírito Santo conduz os fiéis ao êxtase religioso. No que toca o cenário brasileiro, o pentecostalismo adquire ainda outras características, como o espiritualismo apolitizado e o combate às outras práticas religiosas. De acordo

com o autor esse antagonismo fomenta o pluralismo religioso no país, mais do que o sincretismo.

Os anos 1950 são marcados por outro movimento típico dos pentecostais: crescimento por dissidência. Entre as igrejas criadas nesse período, destaque para *O Brasil para Cristo* (1956). Entre fins de 1970 e a década de 1980 a difusão torna-se ofensiva – surge o que alguns nominam “neopentecostalismo.” O crescimento da atuação na política e na mídia vem acompanhado pela mudança na linguagem e formato dos cultos; a pretensão pela conquista massiva atinge seu auge com a criação da Igreja Universal, em 1977. O sucesso do pentecostalismo entre os pobres chama a atenção dos pesquisadores, que levantam suas hipóteses em torno do “ajuste de anomias sociais.” Mesmo entre os não-funcionalistas, é consenso que a migração de trabalhadores para as grandes cidades incide sobre a escolha religiosa. Ronaldo de Almeida escolhe outro ângulo para analisar o fenômeno. A capacidade de os evangélicos criarem redes de relacionamento voltadas para a reciprocidade é responsável pelo sucesso das congregações nas comunidades. Note-se que o principal vocativo na relação entre os fiéis, “irmão,” é a replicação simbólica de um vínculo de parentesco – replicação por vezes real, pois é muito comum o casamento entre “irmãos de fé.” Identificar uma estrutura comunitária marcada pela troca é chave para compreender o pentecostalismo; mas o que dizer sobre a Igreja Universal que, embora pentecostal, constrói outros tipos de sociabilidade? Qual a natureza de seu circuito de relacionamentos?

As pessoas procuram na IURD uma intervenção divina para problemas de toda natureza. Os templos se localizam em grandes vias de acesso nas cidades e seu interior suporta mais de mil lugares, o que impossibilita a criação de laços extensivos a todos os “irmãos.” Conforme os programas de rádio e televisão anunciam, há sempre um templo por perto para o alívio imediato do sofrimento – diferente da *Assembléia de Deus* e suas pequenas igrejas nos bairros, a temporalidade da Igreja Universal é condensada nos cultos, onde veremos que a doutrina revela-se coadjuvante diante da performance. Conhecida por ancorar-se no tripé cura - prosperidade - exorcismo, a IURD oferece cultos específicos para cada necessidade. Em *Diabo no templo* Ronaldo de Almeida se dedica a descrever o mais característico deles, o culto da libertação. A ênfase no sobrenatural e nos malefícios do contato com religiosidades inimigas dá o tom do ritual: “(...) A problematização do sofrimento, a busca da sua origem e a oferta de ‘libertação’

desse sofrimento constituem o eixo central a partir do qual o sentido do culto pode ser entendido e um conflito religioso explicitado.” (: 77)

Pode-se visualizar os três pontos citados no decorrer da seção: o início é sinalizado por cânticos tristes que exteriorizam os sofrimentos e a esperança pela sua resolução; aos poucos os cânticos tornam-se alegres e cedem lugar ao sermão, de curta duração e rapidamente substituído pela pregação de fato. A eloquência do pastor o transforma num exorcista e a guerra santa está travada contra o causador de todos os males, o Diabo. As orações agora não se dirigem a Deus, são antes uma convocatória aos demônios que possuem fiéis no templo. Muitos entram em transe e as entidades respondem. Importante mencionar as especificidades que conferem um caráter único ao exorcismo da IURD: não é inesperado, mas estimulado socialmente, além de as entidades serem todas afro-brasileiras; a atitude dos pastores não é discreta como no catolicismo, os possuídos são combatidos no púlpito. Parte central no culto, a “entrevista” com o demônio serve para nomeá-lo e postular sua origem (geralmente terreiros de Umbanda). Demonstra-se ritualmente a superioridade da Igreja Universal à medida que as entidades são humilhadas e expulsas; estas não voltam para os terreiros, seguem para o inferno. A libertação é bem-sucedida conforme as categorias das outras religiões são reduzidas às da IURD. Nega-se o conteúdo, mas incorpora-se a lógica de funcionamento: a libertação assume o papel estrutural de contrafeitiço.

Magia e eficácia simbólica são fundamentais aqui. *Trânsito das entidades* atesta a dimensão mágica do pentecostalismo em sua forma exacerbada na IURD: o princípio de imanência do sagrado não só nos corpos das pessoas, mas nos objetos, permite ao fiel ser possuído pelo simples contato com um alimento “trabalhado” num terreiro. Na Igreja Universal o princípio pentecostal da imanência do divino abre um espaço para a imanência do Diabo, seu equivalente estrutural. O transe, outro inegável princípio mágico, pode ser considerado o elemento mediador entre os dois universos simetricamente opostos: por meio do transe dos fiéis se dá o trânsito das entidades, logo, a comunicação. Não obstante, Ronaldo de Almeida ressalta, conforme Bastide, as decodificações socialmente controladas do ritual da IURD: o transe e as pessoas que nele são construídas já não são os mesmos do terreiro, pertencem ao templo. O capítulo quatro reafirma em teoria o que o culto demonstrou: o mesmo movimento que combate os elementos das religiões afro-brasileiras também os dota de eficácia, de modo que o culto da libertação seja uma inversão simbólica dos rituais do terreiro. Religião sem

doutrina, religião sem centro: pratica-se pela guerra uma verdadeira antropofagia da fé inimiga, diz o autor.

Resta um problema: o pleno sucesso diante das religiões inimigas levaria a *Igreja Universal do Reino de Deus* à falência – onde alocar a fonte dos males? O que está em jogo não é o antagonismo com as religiões afro-brasileiras, mas os mecanismos de inversão/continuidade e de negação/assimilação pelos quais a IURD enxerga a diferença. Quem ativa esses binômios é o Diabo em seus vários nomes. “Logo, mais do que Candomblé e Umbanda, o que a Igreja Universal necessita de fato é dialogar com uma tradição sócio-religiosa na qual seja possível encontrar os sofrimentos e os espíritos que possam se equivaler à figura do Diabo.” (: 126)

O último capítulo reforça esses argumentos. *Chute na santa* trata de uma guerra travada além do púlpito, no espaço midiático. A breve exposição das polêmicas causadas pela IURD no espaço público (acusações de uso duvidoso do dinheiro dos fiéis; de fazerem falsas promessas de cura; a compra da Rede Record) culmina na descrição do episódio de um pastor chutando a imagem de Nossa Senhora Aparecida em um culto. A transmissão da cena pela Rede Globo explicita um complexo cenário de oposições. Globo x IURD (e não apenas Record): ora guerra midiática, ora guerra santa, esse fato deixou claro a indissociabilidade entre expansão religiosa e empreendimentos financeiros na Igreja Universal, bem como a disputa por legitimidade com a Igreja Católica, que ainda detém o maior número de fiéis no país. Ambas disputam pela universalização de sua crença, uma centrada no polo divino e outra, no do Diabo.

Embora o autor não mencione no corpo do texto, sua obra nos permite indagar o quão distante a antropologia se encontra da perspectiva católica. A questão diante de um fenômeno como a IURD é saber se os antropólogos ultrapassam a atmosfera de preconceito em torno de suas polêmicas a ponto de levar a sério um de seus principais atributos, o êxtase religioso. A criatividade d’*A igreja Universal e seus demônios* reside na disposição de conferir uma lógica antes de tudo simbólica à IURD, buscar a estrutura que informa ações por vezes contraditórias. O que soa incongruente ao observador pode ser apenas uma das superfícies de uma estrutura flexível. Para lidar com tamanha fluidez, o autor emprega conceitos como *rede*, *trânsito*, *plasticidade*. O livro traz ainda a novidade de conferir à IURD o status de uma cosmologia: num primeiro momento focado na sociabilidade entre os fiéis e a “organização social” da Igreja nas cidades, com a descrição do culto de libertação podemos dizer que a análise salta rumo à socialidade.



Da “manifestação” de entidades na possessão para a construção de pessoas por meio do ritual; de alimentos que ocupam posição ambígua, causadores de males ou cura, rumo à consubstancialidade entre fiéis. Em suma, há um universo mágico acessível pelo êxtase religioso e o livro procura descobrir de que ele é feito.

A obra inaugura diversas possibilidades para o leitor interessado no tema: pode-se optar por uma visada ritual, a exemplo das etnografias clássicas sobre seu formato e decodificação; desenvolver seu estudo em torno da posição das igrejas pentecostais no campo religioso brasileiro; é possível ainda uma investigação sobre a crescente ocupação da esfera pública pelos evangélicos, que divulgam de forma cada vez mais ampla a sua agenda de conversões. Indicada não só para estudantes de antropologia, mas de ciências sociais em geral, é digno de nota o modo como o autor articula os diversos métodos utilizados no campo (desde o uso de dados quantitativos até a observação participante) em um texto conciso e tão multifacetado quanto seu objeto de reflexão.

Marília Sene de Lourenço

Mestranda em Antropologia Social

Universidade Federal de São Carlos

E-mail: lilalautrec@gmail.com

Recebido em 29/11/2010

Aprovado em 30/12/2010